

Pandemônio

NOVE NARRATIVAS ENTRE
SÃO PAULO - BERLIM



ALEXANDRE RIBEIRO + ALINE BEI
CAROLA SAAVEDRA + CARSTEN REGEL + CRISTINA JUDAR
FRED DI GIACOMO + JORGE IALANJI FILHOLINI
KARIN HUECK + RAIMUNDO NETO

ORGANIZAÇÃO *Cristina Judar & Fred Di Giacomo*

Pandemônio

NOVE NARRATIVAS ENTRE
SÃO PAULO – BERLIM

Copyright do texto © 2020 by Vários Autores

EDIÇÃO E ORGANIZAÇÃO
Cristina Judar e Fred Di Giacomo

PROJETO GRÁFICO, CAPA E ILUSTRAÇÕES
Rodolfo França

TRADUÇÃO DE *Closing Distances/Encurtando Distâncias*
DO INGLÊS PARA O PORTUGUÊS
Cristina Judar

2020

Todos direitos desta edição reservados à:

© PANdemônio edições (e outros atos ilícitos)
São Paulo - SP, Brasil.

Dedicamos esse livro a:

Antonio Bivar (1939 — 2020)

Aldir Blanc (1946 — 2020)

Ciro Pessoa (1957 — 2020)

Sérgio Sant'Anna (1941 — 2020)

★

*E todas as vítimas da pandemia de covid-19
agravada pelo autoritarismo
e incompetência do governo brasileiro*

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todos autores que participaram deste esforço coletivo para levantar uma antologia independente, em meio a uma grave pandemia. Agradecemos, também, à ajuda e ao trabalho de: Antke Engel, Edney Meirelles, Lara Norgaard, Marcelo Nocelli, Mekko e, especialmente, ao trabalho elegantemente deslumbrante (além de voluntário) do diretor de arte Rodolfo França, responsável pelo projeto gráfico desta antologia.

Pandemônio

NOVE NARRATIVAS ENTRE
SÃO PAULO - BERLIM

★

ALEXANDRE RIBEIRO + ALINE BEI
CAROLA SAAVEDRA + CARSTEN REGEL + CRISTINA JUDAR
FRED DI GIACOMO + JORGE IALANJI FILHOLINI
KARIN HUECK + RAIMUNDO NETO

ORGANIZAÇÃO *Cristina Judar & Fred Di Giacomo*

PANDEMÔNIO EDIÇÕES
(e outros atos ilícitos)

Pandemônio

NOVE NARRATIVAS ENTRE
SÃO PAULO—BERLIM

- 14 Restituição
CAROLA SAAVEDRA
- 16 Ruth sem medo
ALINE BEI
- 23 Møns Klint
ALEXANDRE RIBEIRO
- 32 Corpos à vista
CRISTINA JUDAR
- 36 Encurtando distâncias
CARSTEN REGEL
- 42 Eu, Bernardo e um gato
JORGE IALANJI FILHOLINI
- 48 Primavera
FRED DI GIACOMO
- 53 A mobília
RAIMUNDO NETO
- 60 A implausibilidade das árvores
KARIN HUECK

Pandemônio
São Paulo – Berlim

Liebe Cristina,

WIE GEHT'S DIR? Aqui, na Alemanha, cafés, creches e bares começam a abrir-se para o novo normal, enquanto o fascismo local hiberna. E em São Paulo? Como refestela-se a peste cognitiva que corrói o Brasil? Mesmo com a pandemia levando um oceano de gente todos os dias; as ruas se enchem, os shoppings entopem-se, a polícia mata os mesmos e a soja come a mata. Vejo o vírus voando da capital até as aldeias indígenas, as cidades menores; meu sertão paulista. Que fazer, Cristina?

Acredito que nossa *Pandemônio* pode ser algum alívio para os que estão em casa “lavando os copos e contando os corpos”, enquanto o Cramunhão governa nosso destino. Os contos que Raimundo Neto, Aline Bei e Jorge Filholini psicografam daí são polaroids do transe que convulsiona a maior democracia da América Latina. Espinhos que se leem ardidados. Seu *Corpos à vista* é, para mim, o Apocalipse queer de um João (Joana?) da era antropozóica. Enquanto nos traga, tua profecia move-se pela mente do leitor, impulsionada por sua capacidade de criar e alimentar-se de imagens numa cadência Ginsberguiana. Fico muito feliz que você tenha se juntado a mim na organização deste oásis, amplificando a ideia original com a direção de uma antologia São Paulo — Berlim, duas metrópoles que lidam de maneira tão diferente com as pestes.

Os que vivem a diáspora aqui não esquecem. Meu amigo Alexandre Ribeiro, cria da favela da Torre, em Diadema, é lembrado todos os dias de sua cor pelas autoridades alemãs. *A polícia, que aqui humilha, não mata como lá.* A professora e pesquisadora na Universidade de Colônia, Carola Saavedra, conhecida pela amplitude de sua produção literária, esculpiu um bonsai que me recordou dos minicontos que ela dominava no *escritoras suicidas*. Karin Hueck parou para observar o vizinho, presa em casa, e mergulhou nas raízes fortes de sobrevivente do holocausto do seu avô. Não dá para esquecer que essa cidade foi o epicentro do fascismo mundial. Não dá para achar que o inferno é exclusividade nossa. Como o avô da Karin, a estrela do underground local Carsten Regel nasceu na capital alemã.

Seu conto divertido e marginal, sobre a pandemia bonachona dos berlinenses, revela que o vírus até não escolhe classe social, mas quem sofre mais com ele é o sul do mundo.

Há algo de urgente nessa cápsula do tempo que estamos enterrando cada um em um canto do globo. Ela registra mais do que a pandemia provocada por um vírus, mas um terremoto global do antropoceno, a metástase do capitalismo selvagem e a crise das democracias. Somos testemunhas e fotógrafos disso tudo. Há mundo por vir?

*Mit freundlichen Grüßen,
Fred Di Giacomo, Berlim, maio-julho, 2020.*

Meu caro amigo Fred,

DESTA PAULICÉIA DESALMADA, o que nos restam são escombros de memórias. De uma cidade que a vida toda foi feita de movimento e ruído, só resta uma presença incômoda a ocupar as ruas. A morte, em seu cortejo mudo, é possível de ser identificada há quilômetros de distância.

Tornamo-nos todos um pouco profetas e visionários, a adivinhar quantos corpos encontraremos ao virar a esquina. Corpos que chegam até nós em ondas de informação: nas telas de TV, via internet-drone-delivery – e até mesmo pressentidos nos sinais aéreos que nos rodeiam.

E temos sonhado com invasões. De alienígenas e de gafanhotos, que hoje assolam plantações na Argentina. De homens vestidos de verde e amarelo a portarem insultos e armas. A inexistência de respiradores artificiais em número suficiente também tem nos assombrado. Assim como o aniquilamento de nossas aldeias e comunidades, sejam elas indígenas, quilombolas ou de pessoas LGBTQIA+. A dizimação de todas as formas de vida detentoras de menor valor no mundo da política vigente nunca foi tão próxima, ao alcance de nossos dedos.

Não há como criar histórias sem que esses horrores estejam presentes, implícita ou explicitamente. Afinal, lamentamos os abraços e sorrisos perdidos, algo de grande valor para nós, brasileiros, você sabe bem do que estou falando. E a perda de um Brasil que nos foi tirado aos poucos, aos pedaços, como um corpo em decomposição de alguém que foi muito amado e do qual, apesar de tudo, não queremos nos desvencilhar.

Conforme foram escritos e reunidos, os contos criados do lado de cá, integrantes desta nossa *Pandemônio* – ou melhor, *pacto intercontinental para que as realidades de enfrentamento da pandemia em duas cidades – símbolo da cultura e da arte mundial-local possam ser conhecidas por meio da ficção* – acabaram crescendo em força e significado: vejo-os agora como células imunes, que contém parte da trajetória e das narrativas do nosso tempo, mesmo que, originalmente, a pretensão, ao redigi-los, não tenha sido exatamente essa.

Jorge Filholini, com suas construções textuais tão marcadas pelo aspecto imagético, nos presenteou com um diário apocalíptico e surrealista, capaz de nos tirar o sono ao nos tornar mais conscientes sobre aquilo de temeroso e inacreditável que ainda pode estar à nossa espreita. Lírico e sempre agregador de realidades aparentemente inconciliáveis, Raimundo Neto deu origem a uma história na qual o controle ineficiente da pandemia, somado aos problemas que envolvem a adoção de crianças, representa uma chaga praticamente incurável em nosso país.

Aline Bei nos apresenta sua célebre marca literária, de alcance amplo e profundo, ao dar corpo e voz a uma parcela da conservadora classe média brasileira, capaz de tratar a pandemia como um assunto “menor” ou ilusão coletiva, criando para si mesma novas ilusões, que insiste em propagar como verdade.

Aliás, Fred, adoro a atmosfera de “western berlinense do fim dos tempos” do seu conto, uma narrativa poética e árida que me fez caminhar por paisagens e por possibilidades de (in)existência e de (inter)relações já praticadas atualmente, além de refletir sobre as camadas que estão acima e abaixo das peles do velho e da menina, ainda mais evidentes no cenário pandêmico.

Como contadores de histórias passadas na irrealidade atual, trazemos aqui um extrato daquilo que representa não apenas nós mesmos, mas a coletividade à qual sentimo-nos atrelados, apesar do esfacelamento crescente da nossa identidade como nação. Nossos contos, unidos à potência do conteúdo produzido por você, Alexandre Ribeiro, Carola Saavedra, Carsten Regel e Karin Hueck, compõem a “ponte-cultural” que gostaríamos de construir, conforme a conversa que tivemos em fevereiro deste ano num café em São Paulo (na ocasião, você perguntou se eu já sabia do novo vírus que começava a se espalhar pelo mundo. A vida é mesmo cheia de ironias).

Sobre a parceria aqui estabelecida, eu é que fico feliz e grata por você ter confiado a mim parte da organização da *Pandemônio*, que, apesar de sua aspereza temática, ocorreu num clima de absoluta leveza, generosidade, profissionalismo e cumplicidade, em todas as etapas.

Fred, penso que, com essa antologia, temos em mãos uma granada de alto poder de transformação. Que dessas narrativas e conexões estabelecidas entre São Paulo e Berlim surjam novas ideias relacionadas à proteção das fronteiras e fragilidades de nossos próprios corpos, assim como dos corpos de nossas cidades e países. Que a frente aqui estabelecida seja um estímulo ao debate, à troca e à busca por saídas, por mais distantes e impossíveis que elas hoje possam parecer.

Aceno do lado de cá, com altas doses de amor e fúria, ainda confiante de que dias melhores virão.

Cristina Judar, São Paulo, maio-julho, 2020.

Restituição

CAROLA SAAVEDRA

RESTITUIÇÃO

ENCOSTO A TESTA NO VIDRO, janelo para lugar nenhum, fecho os olhos, lá dentro, do quarto, do corpo, da paisagem, a certeza que acabou. Escrevo um livro sobre o fim do mundo e em meio à escrita do fim do mundo, o mundo começa a acabar, a realidade se infiltra na ficção, escrevo a mão, o lápis, jogo fora o caderno, única testemunha, rasgo para que não restem dúvidas, mas as palavras ainda me acompanham. O tempo passa num estranho ritmo, uma imperceptível aceleração, reorganizo as gavetas, ao abrir um envelope, cai uma foto antiga, na Berlim de vinte anos atrás eu cubro o rosto com as mãos, rio, na mão esquerda um anel de prata com uma pedra azul, lápis-lázuli?, a pedra parece olhar para a câmara, eu sempre gesticulei demais, aquele último momento, logo depois num gesto cotidiano, eu sempre gesticulei demais, o anel foi catapultado para as profundezas do Landwehrkanal sem profundezas, nas águas de inverno, um pato se apressou e engoliu o anel, eu fiquei olhando incrédula, debruçada na ponte, o pato foi embora rio abaixo, córrigo?, de tempos em tempos penso no destino do anel, pato-rio-abaixo, um dia alguém num almoço de domingo ou o pato comido por outro bicho, comido por outro bicho, mas hoje, me obrigo a uma narrativa diferente, no estômago de uma ave sobrevoando o Atlântico, mais ao sul, cada vez mais ao sul, em seu corpo, um anel que volta à terra, ao estômago da montanha onde um dia foi gestado, por alguns anos enfeitou os meus dedos, coloco as mãos sem anéis sobre o vidro da janela, do outro lado o tempo que nunca passou. As coisas exigem sua restituição. A paisagem lá fora desmorona. Dentro do quarto começo a escrita de um novo livro, desta vez sobre o início do mundo. A ficção se infiltra na realidade. Palavras mágicas incrustadas na terra.

†

CAROLA SAAVEDRA é autora dos romances *Flores azuis* (2008, eleito melhor romance pela APCA, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti), *Paisagem com dromedário* (2010, Prêmio Rachel de Queiroz na categoria jovem autor, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti), *Com armas sonolentas* (2018, finalista do Prêmio São Paulo e Prêmio Rio de Literatura), entre outros, todos pela Companhia das Letras.

Ruth sem medo

ALINE BEI

RUTH PRECISAVA COMPRAR UMAS COISINHAS NO MERCADO, ARROZ,
água sanitária, duas ou três garrafas de
Licor.

nunca foi de beber, é verdade

no entanto, ultimamente, ela andava tão tensa no pescoço, nas costas.

o médico disse que eram os nervos, sempre eles.

prescreveu algumas drogas, mas o incômodo não passava, então

além dos comprimidos, por pura

intuição

Ruth começou a tomar

uma pequena dose

de licor

à noite e

Deus sabe como isso tem relaxado seus músculos, nada no mundo tinha

um efeito parecido com o álcool adentrando

e diluindo

a sua velha solidão.

afinal, quem aguenta? ela pensou enquanto escolhia um casaco pra sair.

esses tempos que vivemos

são os piores, me tiram quase tudo, a igreja segue fechada, as aglomerações

estão proibidas, mas até as aglomerações de Deus?

em casa ela também não tinha companhia, seu marido há muito que estava

morto, seu cachorro também. como é que eu sigo vivendo desse maldito

jeito castrador, entediado?

ora,

se Ruth pudesse dar um conselho a uma jovem que se inicia

seria este: nunca se case com alguém mais velho do que você. também não

tenha cachorros. ou filhos. não se apegue a nada, basicamente, ou talvez se

apegue apenas às coisas que você pode comprar. por hora, claro, já que o

dinheiro também é inconstante. resumindo, minha filha: beba um licorzinho

à noite, para relaxar os músculos
eis o que tenho de mais verdadeiro para lhe dizer.

Ruth fechou o casaco, gostava de se agasalhar profundamente quando saía.

ao abrir a porta de seu apartamento, sentiu um frio lhe percorrer a espinha.
já tinha levado algumas facadas metafóricas na vida, por isso sabia bem o
que um arrepio desses significava: mau agouro, tem dias que simplesmente
não são os nossos.

entrou no elevador.

em suas noites idílicas, brotava em Ruth uma ou outra epifania.
ela adorava ter esses
pensamentos luminosos habitando a sua mente, outro dia mesmo
floresceu um
belíssimo
de que a morte era cega
porque
se a morte enxergasse
ela ficaria com pena
de levar as pessoas embora de suas vidas pra sempre.

Ruth gostou tanto da reflexão que anotou em um caderno, esse mesmo que
estava em suas mãos agora e lhe servia para escrever também as listas de
mercado, a de hoje: arroz, água sanitária, frutas. e sua poção
de êxito noturno, às vezes até diurno, como era bom poder contar com
esse líquido rubro
para elaborar epifanias durante o café da manhã, também, por que não?
para Ruth, o tempo já não era mais o Deus de todas as coisas, seu doce li-
corzinho deixava as horas flutuantes, nada importava ao ponto de doer, o
contrário, a vida ganhava uma graça inédita, nem quando ela se apaixonou
lá atrás pelo seu falecido marido Jorge Alcântara, nem ali

sendo jovem e amada
com a vida toda pela frente
ela se sentia assim tão leve e criativa.
cumprimentou seu Jonas, o porteiro.

— *bom dia.*

— *bom dia, Dona Ruth, e a máscara?*

— *o quê?*

— *a Máscara.*

ela fez um sinal impaciente com as mãos.

— *tem que usar, Dona Ruth, a senhora não tá assistindo o noticiário?*

— *não posso perder tempo na vida, meu filho, olha a minha idade.*

— *e a Cátia já não se ofereceu pra fazer mercado pra senhora?*

A Cátia, a Vânia, o seu Paulo.

— *era só o que me faltava. olha, Jonas, se um dia eu precisar de alguém pra fazer o meu mercado, você já pode me enterrar, ouviu?*

bateu o portão.

— *pode me enterrar.*

Jonas balançou a cabeça.

a Ruth estava tão cansada daquele porteiro intrometido. que tal cada um cuidar da própria vida, hum? se as pessoas queriam gastar suas preciosas moedas com máscaras descartáveis que bloqueiam narinas, muito que bem. ela que não ia se render a esse tipo de “desespero coletivo”, não a essa altura, tinha coisas bem mais importantes pra fazer.

— *é o Apocaaaliipseeeee!* – alguém gritou da janela de um carro que

passou voando.

Ruth tomou um susto tão grande que cambaleou.

se apoiou no muro

pra recuperar o fôlego, a cidade está de ponta cabeça, deserta e os poucos que aparecem estão completamente loucos.

continuou sua caminhada

pisou firme até o mercado que era próximo, ainda assim chegou arfando, talvez o casaco

tenha sido um exagero e

de repente a Ruth se deu conta

de que

seu rosto Nu tinha virado

primeiro um objeto de observação como se perguntassem de que mundo você veio? e

no instante seguinte

um objeto de indignação, quem você pensa que é?

se sentiu acuada, um pequeno animal na floresta. logo ela, uma mulher que o tempo não abateu.

se encaminhou sem demora para a seção de bebidas.

pegou cinco garrafas do seu licor favorito

e se dirigiu ao caixa, o arroz, a água sanitária, as frutas. bem, elas podiam ficar para depois.

todos que trabalhavam ali no mercado

usavam uma máscara não de tecido igual aos outros, mas

de plástico, como se trabalhassem em uma siderúrgica.

Ruth pensou que as pessoas estavam perdendo a sua identidade, virando gados, bois e vacas, a moça do caixa lhe perguntou alguma coisa.

— *desculpe, não entendi.*

a moça repetiu

uma
duas
três vezes, mas
era impossível, parecia que a mulher estava atrás de um vidro.

— *levanta essa máscara!* – Ruth gritou – *levanta essa maldita máscara!*

o segurança se aproximou.

— *tudo certo por aqui, dona?* – a dele era de pano e a sua voz saiu
perfeitamente audível.

Ruth respirou fundo.

pegou a carteira na bolsa e pagou.

— *é o Apocalipse* – ela devolveu a frase

como um boato que corre por uma cidade pequena

e saiu

caminhando de volta para casa, a sacola raspando nos seus calcanhares.
o que está acontecendo com o mundo?

há um mês essa rua estava lotada de gente comemorando sabe-se lá o quê.
Ruth nunca gostou de festas, mesmo em seus aniversários sempre coube
a ela uma felicidade discreta. as comemorações, em sua opinião, estavam
um tom acima da realidade, olhe ao redor: comemorar o quê, exatamente?

ela abriu o licor.

deu um longo gole

para acalmar o peito, sabia que lá pelo meio da garrafa sua alma voaria
livre por campos inimagináveis,
enquanto Algo além do líquido
lhe adentrava o corpo pela boca.

†

ALINE BEI nasceu em São Paulo, em 1987. É formada em Letras pela PUC-SP e em Artes Cênicas pelo Teatro Escola Célia-Helena. É colunista do site cultural *Livre Opinião – Ideias em Debate*. Foi escritora convidada na *Printemps Littéraire Brésilien 2018*, Sorbonne Université, França, e na *Feira Internacional do Livro de Guadalajara 2018*, México. *O peso do pássaro morto*, vencedor do Prêmio Toca e do Prêmio São Paulo de Literatura, é o seu primeiro livro.

Møns Flint

ALEXANDRE RIBEIRO

A ESPERA MACHUCA NA ESTAÇÃO CENTRAL DE BERLIM. O mundo em declínio é a estética que pinta meus olhos. Somos eu e mais quarenta e tantos aguardando o ônibus, amedrontados no galpão de embarque. Minha visão se atrofia como as bolsas esmagadas no bagageiro. Aqui somos todos ânsia. De voltar logo para casa, de que essa vida se acabe, de vômito. Estou só; mesmo plural. O vírus que infectou a humanidade evidencia nossa miudeza. Correr para casa é o que temos.

Não é a primeira vez que visito a cidade. Na década de noventa cheguei a vir para Berlim três vezes no mesmo ano. Sebastião, um irmão que as violentas ruas da Cidade Tiradentes me deram, foi quem me apresentou a capital alemã.

Tião se mudou para Berlim depois de ser perseguido pelo governador de São Paulo, nosso estado. Pensar negritudes é remontar sociedades, e nosso governador nunca foi fã de revoluções. Juntos, conhecemos as ruas de Schöneberg e Charlottenburg. Os passos dos meus pés inchados foram aulas de história. Tião, assim como eu, era um homem negro de pele clara, à beira de alcançar a obesidade. (Para quem vivenciou a fome, isso soa como vitória). O que tinha de peso, Tião ia além em memória. Foi fundador do Black History Walks, uma organização que buscava renovar a autoestima da população preta através das histórias das ruas.

Sim, sou fruto da juventude pavimentada no pular dos corpos e no seguir caminhando. Porém, esses anos são passado. Hoje sou outro lugar. Nossos pais enfrentaram a ditadura e o racismo para que pudéssemos buscar uma educação decente. Pelo menos nisso, sucedi.

O colorido brasileiro. Esse foi o termo que sugeri para explicar esse plano falho do embranquecimento que somos nós, os pardos. Um dos termos mais antigos da história do país. Na carta de Pero Vaz de Caminha, durante a chegada dos portugueses ao Brasil, em mil e quinhentos, há o relato ao rei de Portugal de que os indígenas eram “pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos”.

Pardo; de cor pouco definida, entre o amarelado, o acastanhado e o acinzentado. Pardo; uma pessoa gerada a partir de alguma miscigenação,

seja ela mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça. Pardo; branco sujo, escurecido. Pardo: eu.

A palavra pardo foi usada para excluir estupros, sequestros, genocídios e transformar a mistura das raças em algo ocasional, que em algum momento deveria acontecer. Maneira de apagar o incêndio do ódio com cordialidade mascarada. Para nós, do movimento negro, pardo era definição útil para papel. Combinamos entre nós que nos chamaríamos negros, um movimento da pele parda e da pele escura.

Por carregar essa nomenclatura na minha certidão de nascimento, resolvi estudar o tema. Graças ao Sebastião, nas oportunidades que tive de viajar ao exterior, me deparei com o problema: como definimos o pardo no mundo? Ao nos declararmos como negros, os companheiros africanos, europeus e caribenhos nos diziam o seguinte: vocês não são negros, devem se chamar de *colored*. Curiosamente, até mesmo em alemão havia um termo para isso: *farbenfroh*, que significa *colorido*.

Meu amor pela poesia me trouxe a palavra *colorido* como missão: implementar uma poética-estética que juntasse nossa juventude em um movimento organizado. Foi assim que nasceu o *colorido brasileiro*. Apresentei uma série de artigos científicos que apontavam os benefícios da identificação do povo, e como essa identificação movimentava diversos aspectos da sociedade. Sugeri a implementação de políticas públicas ao meu camarada, Luís Inácio*. A campanha *Brasil dos coloridos* teve alcance federal e se tornou a nova definição étnico-racial da maioria brasileira.

Por conta dessa teoria, recebi o convite para compartilhar conhecimentos no congresso *Black Identities*, na Universidade de Humboldt. O vírus já circulava pelo Brasil dias antes da minha chegada a Berlim. Mesmo assim, nenhum de nós levava a pandemia a sério. Em nenhum segundo passou pela cabeça da organização cancelar o evento, já que haviam vendido ingressos para vários auditórios lotados.

*NOTA DA EDIÇÃO: O autor faz menção indireta ao ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva.

Era terça-feira, acordei às cinco e quarenta e cinco. Fui fazer a barba. O rosto amassado me confrontava no espelho. Uma notificação com o nome da minha irmã. No Brasil, eram duas da manhã. Li a mensagem, ansioso.

Roberto,

Sei que você deve estar muito ocupado no momento, te desejo sucesso e sorte no congresso. Não esquite sua cabeça com a mensagem: tá tudo bem.

Depois de uns três dias que eu estava aqui, a mãe começou a ter tosse, dificuldade para respirar. Levei ela no hospital e fomos testadas para a Covid-19. O resultado foi positivo.

Não estamos nos sentindo mal, e os sintomas da mãe estão diminuindo aos poucos. Só quero te pedir que se cuide por aí, viu? Você sabe do que estou falando.

Com carinho,

Ju.

Esse filme nós três já vivemos, conheço minha irmã, sozinha de novo. Respirei fundo, o corte da barba acabou torto. Daqui não posso fazer nada. De novo. A sinfonia do caos me presenteia com outra mensagem:

Prezado Dr. Soares,

Seguindo as recomendações do Gesundheitsamt (Ministério da Saúde), é com muito pesar que informamos o cancelamento do congresso “Black Identities”, da Universidade de Humboldt.

O rápido declínio da disponibilidade de voos internacionais foi tão crítico que tivemos de decidir pôr fim ao congresso e enviar todos os participantes para casa rapidamente.

Considerando que já não existem mais voos saindo da Alemanha, organizamos uma viagem de ônibus até a cidade de Møns Klint, na Dinamarca. De lá, o senhor entrará no primeiro voo para o Brasil.

Dei risada de mim mesmo ao perceber que resmungava, ao mesmo tempo em que lia o e-mail em um hotel quatro estrelas. Não me pesou o fato de a pandemia devastar o mundo. Pensei naquilo que me atinge, fiquei com raiva em ser obrigado a andar de ônibus.

*Treze de março de dois mil e vinte,
Estação Central de Berlim, Alemanha*

SEQUER CONSIGO ME LEMBRAR DA ÚLTIMA VEZ que estive numa rodoviária. Cheguei em Berlim num voo que custou mais de dez salários mínimos e, agora, abraçado ao meu rancor, me entrego ao antigo pesadelo de ser pobre: oito horas de viagem em um ônibus lotado.

Minhas pernas roliças seguram a mala suíça, enquanto os espasmos de sono tentam me capturar. A luta é importante. Sei disso porque já fui perdedor: eram oito da noite, na volta do trabalho, quando adormeci no ônibus sentido Diadema. Levaram minha pochete com a fita cassete e metade do meu salário.

A chegada do N80 – *Berlim–Møns Klint* me traz de volta ao hoje. Me esforço na tentativa de equilibrar meu corpo, a mala e o bilhete. Deixei de sentir minha perna direita quando o motorista anunciou a atual localização. Estávamos no Terminal Swinemünde–Møns Klint. A orientação era para que descêssemos do ônibus para passar pela imigração.

Uma fila em formato de caracol. Cinco funcionários sentavam-se em um balcão levemente mais alto do que a linha dos olhos. Eram as falsas imagens do poder, essa vontade idiota da opressão que só o homem é capaz de apreciar. Como de costume, a cada pequena entrevista o policial responsável realizava uma tortura psicológica e de pertencimento à terra. Em poucos minutos, vi dois jovens negros serem levados à sala ao lado e dois jovens árabes saírem da mesma sala com o peso das algemas.

Além da teoria do *colorido brasileiro*, também penso em escrever a teoria *todo guarda de fronteira nunca perderá a chance de ser um ra-*

cista descarado. Na nossa pequena interação de três minutos, recebi um questionário intenso e tive que apresentar uma série de documentos até ser liberado.

“Senhores passageiros, agradeço pela paciência e compreensão. Devido às circunstâncias especiais com o novo Covid-19, o terminal está lotado e as vagas para o trem expresso que vai pelo túnel se esgotaram. Precisaremos alternar nossa rota e utilizaremos o trajeto com o Ferry Boat. Por gentileza, mantenham-se no ônibus até o próximo aviso.”

O Ferry Boat! A claridade do pôr do sol intensificou a branquitude das falésias de Møns Klint. Penhascos gigantescos compostos de giz abrihantavam meu campo de visão. Magnetismo para o olhar, como se meu organismo precisasse daquele brilho. O vento acariciou meus cabelos crespos, e a atmosfera me levou para os campos da memória.

*Julho de mil novecentos e noventa e três,
Hamburgo, Alemanha*

O OLHO ESQUERDO NÃO FECHAVA DIREITO COM o bater do vento. Éramos só nós dois no andar a céu-aberto, no último Ferry Boat que cruzava os dois extremos do porto de Hamburgo. Nossa beleza era cor de barro. Aproveitávamos o sol que se punha tarde. Já eram quase vinte e duas horas, quando ele segurou minha mão firmemente e me levou até a extremidade do barco. Nos curvamos para olhar a água, entrelaçados.

“Você tem medo, né?”

Já sabia a resposta. Meu medo de profundidade nascia das águas, mas se refletia nas relações também. Soltou a minha mão por um instante, pegou o pedaço de papel do bolso. O vento forte fazia a pequena folha instável. Leu um poema. Fiquei calado, minha reação natural à beleza. A expectativa dele era outra. Meu silêncio deixou o clima constrangedor.

Ele não sabia ficar sem respostas. Rindo, me perguntou. “Você não entendeu, né? Quis dizer que quero o seu nome, Roberto?”. Meu nome?

Foi interrompido pelo aparato barulhento do barco que aportava. O espaço livre das crianças curiosas e dos adultos viciados era nosso. Beijo forte, medo de sermos rechaçados. Não sabíamos que estávamos fazendo memória. Apenas nos divertíamos.

*Março de dois mil e vinte,
Dinamarca*

As correntes do barco se chocam com o concreto. Hora de voltar para o ônibus. Ao caminhar, senti a vibração em meu bolso. Com a foto de minha irmã mais nova, brilhava a tela do telefone. Juliana me ligou.

“Roberto, onde você está?”

“Roberto?! Em quanto tempo você está de volta?”

“Roberto, por favor, diz alguma coisa... Dessa vez, não vou aguentar tudo sozinha.”

Tudo sozinha. Ela se referia à morte do nosso pai, vítima da dengue e do descaso. Juliana teve que lidar com as burocracias, a organização do enterro, o luto. E eu? Estava em um congresso, em Zurique, muito longe da família, muito longe de casa.

“A nossa mãe, Roberto, ela não suportou.”

O silêncio foi rompido com minha tosse abrupta, seguida de uma lágrima solteira. Sem reação. Sem choro.

Juliana sabia de tudo. Ela presenciou, com desespero, o dia em que fui expulso de casa. Preparado para a fuga, eu estava debruçado sobre o chão, pegando as roupas no quarto, quando ele chegou e chutou minhas costelas.

“Tome vergonha na cara, seu viado!”

A gente sabia que o guarda-roupas estava prestes a quebrar há muito tempo. E nosso pai reparou nisso, sem demora. Arrancou a porta com um propósito óbvio: acertar-me com a parte metálica das dobradiças em frangalhos. No primeiro tropeço que dei, na rua, sangrou meu tronco como pôde.

“E não chore, não, sua bicha. Isso é pra você deixar de ser viado!”

Nossa mãe nunca conseguiu dizer nada. Ficou paralisada, em prantos, no canto da sala.

“Roberto?!”

Minha irmã esteve uma vida toda lá por mim. Dessa vez, ela não estaria só. Prometi que, em poucas horas, voltaria à São Paulo.

O vírus que infectou mamãe veio diretamente da Itália. Dona Fátima era sua patroa há pelo menos vinte e cinco anos. E, todo santo ano, Dona Fátima passava férias na Europa. Quando voltou, dessa vez, já sabia que estava infectada. Mesmo assim, fez questão da empregada em sua casa: minha mãe. Dona Fátima tinha medo de morrer sozinha. O mundo parou, as fronteiras se fecharam, mas a senzala não caiu. E eu? Gostaria de ter tirado mamãe desse trabalho, mas ela não falava comigo desde que fui expulso de casa.

*Primeiro de janeiro de dois mil e um,
Møns Klint, Dinamarca.*

Querido Roberto,

Essa não é uma daquelas cartas de “volta pra mim”. É uma daquelas de “quando voltaremos a nós mesmos?” O amor não termina, só se transforma. Lembra?

As caixas da mudança acabaram de se deitar aqui na sala. Eu tento-e-tento-e-tento-e-tento, mas sem você, seu desgraçado, nenhuma dessas histórias faz sentido. Me enjoei de Berlim, fui morar em Hamburgo. Me enjoei de Hamburgo, fui morar em Veneza. Me enjoei de Veneza e vim parar em Møns Klint, na Dinamarca.

Você sabe que nós dois somos feitos do mesmo barro. Mas eu cansei, sabe? Cansei de correr, cansei de fingir ser quem não sou para fazer parte de um movimento. Um movimento que não nos respeita e não vai nos respeitar nunca. Eu quero te amar, quero ser completo. Quero esquecer o meu corpo político e ser feliz no sonho que a gente criou. Lembra do Ferry Boat?

Você é luz, Beto. Luz da mais pura matéria escura. E se afastar da luz é burrice. Vão te dizer que sumi, mas a verdade é que eu me mudei. Mudei por nós. Se um dia o mundo acabar, saiba que você pode vir pra casa. No fim das contas, correr para casa é tudo o que temos.

*Do seu,
Sebastião Maia
Stengårdsvej 8,
4971, Møns Klint, Dinamarca.*

†

ALEXANDRE RIBEIRO é escritor e poeta. Colunista do Itaú Cultural, escreveu o livro de poemas *Inflorescência* (Miudeza, 2018) e o romance *Reservado* (Miudeza, 2019), vencedor do ProAC 2018, que vendeu mais de 2.000 exemplares de mão em mão. Ex-secundarista das ocupações, participa de projetos literários pelas quebradas do mundo e nas unidades da Fundação Casa. Crescido na favela da Torre, em Diadema (SP), mora na Alemanha.

Corpos à vista

CRISTINA JUDAR

EU FUMO VOCÊ TODOS OS DIAS. Enrolo, num cigarro apertado, seus volumes e declínios, os quais eu tenho o prazer de apertar, em diferentes frequências e modulações, com as pontas dos dedos.

Não pretendo esmagar nenhuma parte líquida, sólida ou gasosa do seu corpo. Apenas quero me aproximar do limite que há entre a dor e a esperança de se ter carne, sangue, ossos, pele e legítima expressão preservados em seu estado original, sem marcas, sem traumas. Somente depois de a chama estar acesa, procuro inseri-la em mim, suave ondulação branca e residual que toque algum consegue alcançar.

Os sons começaram a desabar sobre nossas cabeças antes mesmo de os relógios perderem os seus ponteiros e dígitos. Antes de eu tê-la inteira, mulher e ao alcance dos lábios, a inalar a fumaça que você produz, apenas em parte semelhante à exalada pelos corpos que brotam em todos os lugares.

A terra devolve corpos humanos.

O mar retorna oferendas quando estas não são aceitas.

A terra virou um acúmulo de passos enganosos e sua lotação está esgotada.

O mar perdeu o gosto de nos oferecer o seu útero, seus braços gentis, as ancas amplas.

O mar é um homem com seios e vagina.

A terra, uma mulher com pênis.

A lava, fluxo do baixo de baixo da terra, é a força da não-binariedade.

A natureza emite os seus sinais: é evidente que nenhum animal, terra, pedra, mar ou divindade quer ser resumido a cemitério pelo resto de suas vidas.

Já que terra, mar, divindade, pedra ou animal deixaram de ceder à humanidade seus espaços privados, a liderança do mundo tenta nomear o céu como “o solo invertido dos mortos”. Sendo assim, foi estabelecida a seguinte solução sequencial, de magnitude não-convincente:

1. Enquanto vivos, os corpos permanecem mornos;
2. Quando a morte os ocupa, eles são congelados e acondicionados em frigoríficos móveis;
3. Para que virem fumaça e subam ao céu, eles devem ser incinerados.

Mas é trabalho inútil provocar tamanha mudança entre temperaturas e estados de preservação da matéria, na tentativa de que os corpos [na figura de edifícios de órgãos desalinhados, planícies apedrejadas, uma aldeia indígena em fagulhas, casinhas de dentes corroídos e rios de sangue ralo, nos quais políticos pescam votos futuros] desapareçam, de vez, da visão geral.

As dores que os acompanham têm membros de chumbo, elas não sobem ao céu. E, ao contrário do que se crê, os corpos das nuvens não são feitos da fumaça nascida das dores. Aí mora a inconveniência, a verdade indesejada pelos capitães-capatazes. Dores empurram o chão para baixo, tornam o solo ainda mais pesado. E as memórias as acompanham de perto, em um cortejo temido pelos empresários e homens dos púlpitos.

Carpideiras, as memórias deslizam sobre o chão como se andassem de patins. Margeiam as dores, à semelhança de mulheres cobertas por véus pretos. Elas choram de maneira embutida e deitam córregos rasos. Ajudam a compor um espetáculo belo e ao mesmo tempo sinistro, abaixo do olho que a tudo vê.

O firmamento é um globo ocular gigante, ele gira para a direita e faz dia; ele gira para a esquerda e faz noite; quando pisca, cai um raio. Ele nos observa em seu plantão eterno, iniciado no instante da criação do universo. Não dá pra saber se há cabeça, mente ou santo por trás dele. Ou se nele há certa inteligência embutida, inerente, se ele é autossuficiente.

Talvez ele saiba algo sobre os sons. Eles têm despencado feito gotas de alumínio cadenciadas e me assustam pelo simples fato de serem inéditos aos ouvidos da humanidade. Sei lá por qual compositor das galáxias foram orquestrados. Talvez sejam a devolutiva de tudo aquilo que quisemos impor ao Máximo Ser, do alto de nossas profundezas e vergonhas.

Tenho andado aturdida. Sou um vulcão em erupção, com todos os prós e contras que esta estranha condição acarreta. E posso voar conforme o vento. Em determinadas luas, as quatro estações me dominam em alternância: sou fúria, doçura, realeza e repouso em um único dia, numa conjuntura difícil de administrar, até mais do que uma empresa em avançado estado de deterioração ou país à deriva.

Nestes momentos, volto a enrolá-la com meus dedos – mulher mínima, apertada e presente. Com a língua, selo a seda que envolve suas fendas, acendo a brasa e trago, na ilusão de fazê-la caber em mim, inteira de curvas e sol, não um tracejado fantasma sem solo ou céu.

Às vezes quero desistir do mundo, deixar de saber de suas notícias, de suas redes comunitárias em ruínas. É dor demais para este meu peito loteado. Só você deve permanecer comigo, via aspiração, via cigarros enrolados à mão. A terra que me ocupa morre e revive sempre que você me invade, instantânea, e logo parte, fugidia. A cada tragada, eu morro e revivo, na esperança de tê-la a habitar, no tempo que não mais pode ser contado, este meu corpo esquife, depósito sem alma, vala que ninguém habita; você, viva e morta, punhado de cinzas, um corpo a menos à vista.

†

CRISTINA JUDAR é autora de *Roteiros para uma Vida Curta* (Menção Honrosa - Prêmio SESC de Literatura 2014). Escreveu *Questions for a Live Writing* em uma residência na Queen Mary University of London (2015). Apresentou-se na *Feira Internacional do Livro de Guadalajara* 2018, México, e na *Printemps Littéraire Brésilien 2019, Sorbonne Université, França*. Seu romance *Oito do Sete* foi finalista do Prêmio Jabuti e ganhador do Prêmio São Paulo de Literatura 2018. Coorganizou a antologia *A Resistência dos Vaga-lumes* (2019).

Encurtando distâncias

CARSTEN REGEL

NO NONO DIA DO LOCKDOWN, minha ex me ligou. Algo que ela não fazia há meses. Desde que tínhamos terminado. Nesse meio tempo, soube que ela contava pra todo mundo que eu tomava a primeira dose de vodka do dia como café da manhã, e isso era uma atitude um tanto quanto filha da puta de sua parte.

“E aí?”

“Preciso de ajuda”, ela disse.

“Eu sempre te falei isso”.

“Mark, escuta”. Franziska fez uma voz bem mais calorosa. “Estou ficando sem água mineral e papel higiênico”.

Parecia piada. É claro que a mídia só divulgava fotos de supermercados com as prateleiras vazias, mas eles ainda estavam funcionando. E os postos de gasolina mantinham as lojas de conveniência abertas 24 horas.

“Toma água da torneira. É mais econômico, de qualquer forma”, eu ainda estava um pouco chateado com seus boatos sobre os meus hábitos alcoólicos. “Pra solucionar seu outro problema: você tem um armário cheio de roupas de grife”.

“Antes você adorava os meus looks estilosos”.

“Até eu descobrir o que estava por trás da beleza superficial”.

Ficou um silêncio na ligação. Daí ela respirou fundo. “Você tem a chave da casa noturna. É tudo o que eu preciso”.

“O quê? Eu perco o trabalho se der a chave pra outra pessoa”.

“Você não tem mais trabalho! O lugar está fechado e ficará assim por meses! Talvez até por um ano!”

Nesse aspecto ela tinha razão, mas tratava-se da minha ex e eu não estava a fim de ceder. Eu sabia que nem Berlim, nem eu, tínhamos um modelo de negócios paralelo à cultura de festas. “Venha pra cá e curta até fritar o cérebro!”, era o slogan não-escrito, mas muito bem conhecido, da capital alemã, e muita gente vivia disso. Como em nenhum outro setor nesta cidade.

“Então, o que você quer que eu faça?”

“Me leva lá. Apenas por dois minutos”

“E aí?”

“Pego algumas garrafas de água e papel higiênico. Pago por tudo isso”.

“A água mineral fair trade veio do sul, vai custar mais caro do que o normal”.

“Vai se foder! Ela é de uma empresa local, do sul da cidade”.

“Os lenços de papel vão ser problema. Eu não faço ideia se temos alguns rolos no depósito”.

“A gente se encontra lá e confere”.

“Encontros não são permitidos”, fiz questão de relembrar. As restrições eram severas. Nas ruas, parecia que uma bomba de nêutrons vinda do espaço tinha atingido o planeta Terra e estávamos condenados a permanecer em esconderijos por um bom tempo. Bem no momento em que a beleza da primavera se aproximava, dando fim a um período de cinco longos meses de frio e escuridão.

“Esteja aqui em uma hora”, respondi.

“Mantenha a distância”, ela disse, assim que abri a porta de serviço da balada e indiquei para que entrasse.

“Eu tenho mantido distância de você antes mesmo do vírus começar a se espalhar”.

Apesar dela ter me pedido um favor, aquele era seu dia de sorte. O estoque estava cheio de papel higiênico. Os pacotes grandes a fizeram sorrir.

“Nunca pensei que alguém pudesse te fazer feliz com presentes tão simples! Eu teria economizado uma grana”.

Franziska checou os dedos e o pescoço. “Sem anéis, sem joias. A quais presentes você se refere?”

“Todos os drinques na faixa que desceram pela sua garganta”.

“Mark, escuta só, se eu estivesse nessa por dinheiro, eu teria pegado o dono do rolê, não o bartender sem grana”.

Eu poderia ter respondido, mas olhei para os assentos vazios e para a pista de dança. Sem pessoas. Sem música. Sem festa. Sem dinheiro. Quase que a representação perfeita de tudo o que acontecia do lado de fora e em todo lugar.

Franziska me passou uma caixa com nove garrafas de água. Com os

dois braços, ela tentava levar todos os pacotes.

“Meu carro está bem na frente da loja ao lado”, ela disse, quando vimos que uma chave virava a fechadura da porta principal.

“Merda!” Fiz sinal pra ela manter a boca fechada e indiquei a direção do banheiro feminino enquanto ouvia meu chefe entrar, falando ao celular. Empurrei minha ex e todas as paradas para o interior de um das cabines do banheiro e tranquei a porta pelo lado de dentro.

“Isolados dentro de um isolamento”, ela resmungou.

“Cala a boca!”, sussurrei.

“Se eu gritar agora você perde o emprego”, ela disse, zoando com a minha cara.

“E você fica sem papel higiênico”, respondi, convencendo-a a sossegar de uma vez por todas.

Tentei escutar o que meu chefe falava ao telefone. Não estava fácil. Mas entendi que ele andava mal de finanças por causa do shutdown. O proprietário do imóvel não concordava em dar uma trégua para o aluguel, que era de quatro mil euros por mês. Ele chegou mais perto para mijar no banheiro dos homens enquanto continuava conversando.

“Melhor seria se você aparecesse aqui”, ele sugeriu à pessoa do outro lado da linha, alguém em quem ele, com certeza, confiava.

“Apenas pegue o máximo de coisas caras que você puder. E depois que tudo estiver bem escondido na sua van, você arromba a porta dos fundos com a barra de ferro. Mas faça isso só no final. Depois você vaza, o mais rápido possível”.

Nada mal, meu chefe. Belo plano! Primeiro você entra com a chave, rouba tudo e, um pouco antes de ligar o motor e zarpar, quebra o cadeado dos fundos pelo lado de fora para parecer coisa de profissional, tanto pra polícia quanto para a companhia de seguros que você quer enganar.

Isso me fez pensar que eu e Franziska poderíamos copiar o seu plano e levar para o carro dela algo como umas onze caixas de bebida, o que corresponderia a umas 60 garrafas, num valor total de mais de mil euros. Eu precisava daquela grana tão desesperadamente quanto o meu chefe.

“Posso confiar em você?”, perguntei pra Franziska. Ela tinha aprendido a lição e, ao invés de começar a discutir, concordou.

“Vamos ser parceiros de novo”, sugeri.

Voltamos com o carro depois que escureceu. Normalmente, pencas de turistas lotariam a região; algo que não acontecia desde a última semana.

O distrito era uma zona zumbi. Nem todos os postes de rua estavam acesos. A cidade economizava energia e a luminosidade fraca acabou nos ajudando.

Ficamos no carro estacionado, observando a vizinhança. Por meia hora. Coloquei a máscara e as luvas que todo mundo dizia serem necessárias para nos proteger do vírus.

Com o capuz na cabeça e um pé de cabra embaixo da roupa, entrei mais uma vez, agora usando a chave da porta dos fundos.

No estoque, empilhei em um carrinho os produtos mais caros. Uísque. Rum. Gin. Vodka. Empurrei a carga pesada até o lado de fora, parei antes de chegar na calçada, chequei a rua e as janelas das casas ao redor. Franziska abriu o porta-malas e, em menos de 20 segundos, as caixas de papelão cheias de garrafas já estavam escondidas. Ela acendeu um cigarro e observou os arredores até que eu retornasse com mais seis pacotes. Meio minuto depois, tudo estava devidamente arrumado. Tranquei a entrada de serviço, posicionei a barra de ferro e quebrei a porta de madeira. O que foi rápido e fez algum barulho. Então, abandonei a cena do crime.

Seguimos pelos próximos duzentos metros com os faróis desligados, como ela deve ter visto em alguns filmes de gangsters. Depois, ela entrou à direita e continuou pelas ruas secundárias. Franziska sorriu. E olhou pra mim. Ela deu um beijaço na minha boca.

“O que você fez foi cruel, mas muito sexy”, admitiu.

“Meu chefe terá o prejuízo coberto pelo seguro. E eu vou reabastecer a minha conta com esses produtos. Vou vender por metade do preço pra outros donos de bar, eles vão ficar felizes com a economia de dinheiro. Não tem jeito, estes tempos precisam de modelos de negócio flexíveis”.

“Ele vai arrumar a maior treta com o comparsa. O cara pra quem

ele ligou”.

“Ele vai achar que o cara fodeu com ele?”

“Provavelmente. Assim como ele mesmo tentou me foder. Seu chefe pegou na minha bunda quando nós éramos um casal”.

“Que otário! Tentando seduzir minha namorada pelas minhas costas! A propósito”, arrisquei a sorte, “você acha que a gente deveria trepar?”

Franziska voltou a olhar pra rua vazia. “Por que não?”, ela respondeu, dando sinal verde para o nosso retorno como amantes e ao primeiro romance da minha vida, graças à falta de papel higiênico. O distanciamento social havia acabado entre nós. Ela até poderia estar infectada com o vírus, mas eu estava pronto pra correr o risco.

†

CARSTEN REGEL nasceu em 1966, em Berlim. Publicou os romances *Hosen runter* (2012), *Slumlords* (2017), *SED, LSD & ein Hippiemädchen* (2019). É roteirista e diretor do filme *Wie Männer über Frauen reden* (2016), lançado pela Warner Bros. Pictures.

Eu, Bernardo e um gato

JORGE IALANJI FILHOLINI

1º Dia

O governo decretou o fim da quarentena. Que equivale a quarenta. Dias, meses ou anos. Vivemos isolados por dois anos e meio. Onde antes reinavam ratos, hoje os pés humanos dão os seus minuciosos passos, acanhados, cambaleantes, cismados, incoerentes sobre qual direção desejam percorrer. Intactos de asfalto. Não mais impunes de escolhas. As pernas, muitas vezes, são poemas bem escritos, criam estímulos sem precisarem dos poetas. Procurei por alimento, encontrei apenas desejos e pombas a bicarem, sem realização, o concreto cinza. Somente os infectados continuavam presos. Montaram um hospital de campanha no interior de São Paulo para contê-los. A primeira vez na rua é similar aos primeiros movimentos humanos, embriagados com nossos próprios anseios. Inseguros do solo em que nascemos. O fim de uma pandemia não é quando um governo decide, é quando a mente delibera.

2º Dia

Uma canção de Leonard Cohen me acorda. Entre o sonho e a realidade do susto, não sei se foi a minha mente ou o vizinho que colocou para tocar aquela voz arranhada. A barriga coça. Gostou do carinho dado com a sardinha da noite de ontem. Ainda há produtos no mercadinho na esquina do meu prédio. Para entrar, é necessário subir no telhado; um buraco no teto, revestido por amianto, dá canal direto para a seção de enlatados. O breu da loja, apenas o ponto claro de cima, por onde entrei, fornecia iluminação. Tateei as mercadorias acumuladas de pós. Levei trinta latas de atum e de sardinha. Passarei uma semana bem alimentado.

3º Dia

As palavras soltas durante a pandemia. Poemas se acumulam. Poema não sossega no caos. Anotar: conhecer um poema pós-pandemia. Poema tem fobia? O que o poema gosta de fazer no isolamento? Dizem que um bom poema é aquele que toma banho frio no inverno. Corajoso. Poema sai de cabelo molhado no sereno. Não precisa de agasalho. Poema se alimenta do

medo. Muito bem servido no almoço. Bernardo veio me visitar. Arrastou uma cadeira e se sentou de frente para mim. Bernardo morreu na primeira onda da contaminação. Não teve velório. Não pude vê-lo. Nem me despedir. Ele me examina como um ufólogo que explora a primeira nave a cair na Terra. Bernardo era arquiteto. Projetou o meu apartamento. Fomos amigos por vinte e cinco anos. Quando soube de sua morte, senti os sintomas do vírus. Dor de cabeça, coriza, olhos ardentes, tosse e garganta trancada. Tentava puxar o ar, o desespero não cessava. Era como se Bernardo, após ser acometido pela doença, a passasse para mim. Transmitindo uma dívida, uma brincadeira de Passa Anel. Servindo um vinho mortal, numa taça cortante. Bernardo não fala. Bernardo tem os lábios costurados. Estende a mão em minha direção. Não, Bernardo, hoje não.

4º Dia

Um gato entrou no apartamento. A primeira visita após anos. Chacoalhou o corpo na beirada da janela e pulou em cima da cama. Esticou-se. Puxou, com as unhas, fiapos soltos do edredom. Aqui está mais quente que lá fora, ele me disse. Posso ficar aqui esta noite? Disse que sim. Bernardo ficou com ciúmes. Não quis dormir na cama. Hoje dormi abraçado com o gato.

5º Dia

Qual é o motivo de você não nos assumir? A frase de Helena ainda reverbera. Passei a manhã toda remoendo essa pergunta feita antes do isolamento. Eu e Helena terminamos naquele dia. Eu não tinha respostas e ela se cansou de eu nunca tê-las. Ela se cansou do Bernardo. Ela se cansou das madrugadas em que cheguei bêbado. Ela se cansou de eu não a levar para os encontros e compromissos culturais. Ela se cansou de sequer termos uma foto juntos no Instagram ou no Facebook. Ela se cansou da Barra Funda. Ela se cansou da São Paulo onde eu vivia. Ela se cansou do Brasil. Partiu para Berlim. Ainda recebia mensagens dela, antes do corte de energia na cidade. O roubo de cobre aumentou, não se fabricam mais fios e as velas escassas só servem para serem acesas em momentos desespe-

rançosos como este. Bernardo no canto do quarto, ainda enciumado, não olha para mim. O gato ronca. Helena aparece à meia-luz da vela. Aspira a fumaça. O cheiro gostoso da cera. Ela sorri um sorriso que não lembro mais. Projetei? Os dentes amarelos, sombrios, raspados e em decomposição não me assustaram. Eu queria era mesmo ver o sorriso de Helena. Me aproximei de seus lábios roxos, secos, em carne viva. Eu a beijei até sentir a barba queimar por causa da chama da vela.

6º Dia

Escrevo este diário com uma estranha sufocação. Ainda sinto o quente da fogueira alimentada em uma vala gigante no Parque do Ibirapuera. Os corpos arremessados para dentro das chamas. Os estalos dos ossos e os rostos com as mesmas faces, desfiguradas, cinzas, um modelo futurista para uma exposição fúnebre. Os pés retorcidos e os cabelos voando em ritmo tortuoso é o que os olhos miram para não presenciar os desobreviventes – palavra que não sei se existe em um mundo pós-pandemia, eu inventei, sou um sobrevivente, uma pena. Não há verbete que defina a sensação ocorrida na segunda onda da virose no Brasil. Um médico de rosto encovado. Lágrimas. Nunca havia visto um médico chorar. Os helicópteros compõem uma sinfonia junto às carnes que queimam. As emissoras, talvez, registram a maior catástrofe ocorrida em um cartão-postal da cidade.

7º Dia

O que é felicidade, o gato me perguntou. Busquei o significado para uma resposta rápida, ligeira, para afastá-lo. Não apareceu. É isso. A felicidade é nada. Sabe? O nada que nada mais é do que nada diante da felicidade. Braçadas largas. De costas e borboleta. Piruetas diante de uma parede onde nada é pintado. Onde, apenas no cantinho, está escrito “nada”. Você precisa ver como é essa sensação. O nada fazendo cócegas. Arrepiando seus pelos. Brincando com o seu focinho. Puxando o seu bigodinho só para te irritar. O nada goza da gente. O nada chacota da nossa cara. Ri. Humilha. Mas, sem fazer nada, preenche uma vida inteira. Altos e baixos. Ridículo. O nada nada

mais é do que a felicidade às sombras de um caos, aguardando tudo normalizar, para mais nada fazer. A não ser trazer consigo a vulgar felicidade. Depois chutei o gato para fora da cama e dormi sorrindo.

8º Dia

Descansei. Despreguicei e fiquei com vontade de tomar um café. Preciso buscar um pacote de um bom café moído no mercadinho onde só eu sei como entrar. O mingau da alma ainda craquelado no canto da boca, vi meu pai na cozinha. Preparava um peixe. Baiacu, o seu favorito, lembra? Onde você enfiou o sal? No pote onde está escrito açúcar. Por quê? É para confundir as formigas. Meu pai cortou os limões e despejou o suco na superfície da carne. Me chamou e mostrou aquela posta esticada na bandeja de alumínio. Toca. Toquei. Está macia. Macia. Pesquei no Tietê. No Tietê ali da Marginal? Lá mesmo. Tinha até peixe com asas. Precisava ver. Precisava. Eu peguei um para você. Olha ali no freezer. Abri o freezer e um peixe alado de mais de um metro estava congelado. Precisa deixar de molho por cinco horas, entendeu? Entendi. Não coma as asas. São muito ácidas. E esse baiacu é para a gente comer, pai? Vai ficar suculento. Ele piscou para mim. Acordei cansado.

9º Dia

No caminho para o mercadinho encontrei moto-árvore, bares com troncos saindo das janelas e portas, carcaças de carros com folhas secas revestidas nos capôs, postes roídos, corpos em decomposição sendo banquete para cães, ratos e gente. Bernardo veio comigo. Queria lhe mostrar a entrada do mercadinho onde só eu sei. Servimos o carrinho com boa quantidade de enlatados. Uma gritaria na rua fez com que parássemos com a festa na seção de bebidas e fôssemos até a entrada. Por uma fresta no portão deu para ver. Um grupo perseguia um rapaz descamisado. Ele todo ensanguentado. Olhos inchados. Boca aberta. Pedia para pararem de bater nele. Sufocava-se com a própria saliva. Um membro do grupo, talvez o líder, com uma tora grossa na mão direita. Pediu para todos pararem. O rapaz ajoelhou-se e agradeceu. Pediu clemência. O líder perguntou onde

ele se infectou. Ele está novamente doente. E pode passar para nós. Bernardo apertou o meu ombro e disse para irmos embora. Eu queria ficar. Fazia tempo que não via uma morte. O líder levantou aquele porrete imenso e abriu o crânio do rapaz. Que ainda se contorcia. Bernardo balançou a cabeça. Me reprimia. Larguei ele no mercadinho. Amarrado na coluna do corredor de higiene bucal.

10º Dia

O gato me arranhou abaixo do olho esquerdo. Não dei mais comida para ele. Quero ver abrir uma lata de atum com essa unha, safado. O ser humano é engraçado. Cria a sua própria pandemia. Suas próprias leis e condutas. O mundo é outro, mas o ódio, este sim, perdura. De trancar a traqueia. Os sobreviventes sem querer viver. Antes me levassem na primeira ou na segunda onda. Agora brigo com um gato e como peixes conservados em sódio líquido. O governo nunca chegou aqui. Não se mete a besta. Os governantes estão em seus bunkers. A Barra Funda é distante. O pós é impenetrável. Contamina a cabeça. Vi mortos empilhados na esquina do prédio. Ainda enxergo o desespero das mães todas as noites quando fecho os olhos para dormir. Isto é poesia. Só sossego quando trago a imagem de Helena à frente, sonho. Ali, no bar lotado, mexendo em seu celular, pronta para tirar uma foto nossa. E eu hesitando. Isto é poesia. Da janela, no alto do décimo sétimo andar, vejo a mesma São Paulo. As mesmas pessoas sobrevivendo. O mesmo egoísmo de não dividir a comida. Muitos morreram solitários. Sem velórios. Sem despedidas. Parece até dia comum nesta cidade. Isto é poesia. Ouço uma canção de Leonard Cohen na vitrola do vizinho ao lado, que morreu faz dois meses. Isto é poesia. Hoje não teve peixe no jantar. Coloquei o gato para ferver.

†

JORGE IALANJI FILHOLINI é escritor, produtor, fotógrafo e editor. É fundador do site cultural *Livre Opinião – Ideias em Debate*. Em 2016, publicou o livro de contos *Somos mais limpos pela manhã* (Selo Demônio Negro), finalista do Prêmio Jabuti 2017. Em 2019, lançou o livro de contos *Somente nos cinemas* (Ateliê Editorial). Atualmente, vive em São Paulo.

Primavera

FRED DI GIACOMO

QUANDO OS ANIMAIS COMEÇARAM A FALAR, enfim, perceberam que o normal não mais retornaria.

Caminhavam sob o sol que se faz castigo sem os filtros do ozônio a nos servir de útero. O Velho Cego e a Menina Triste. A pele branca do homem coberta por trapos cerzidos em outros tempos. O rosto marcado por queimaduras rosas e pintas escuras. A mochila nas costas curvadas, o cajado na mão direita a servir de proteção e apoio; trotando atrás a cachorra - dog alemã batizada Basset.

A menina de pele marrom intenso acredita que o homem seja seu pai, mas não tem certeza. Ninguém com juízo as tem.

Sim, depois da calmaria, houve uma segunda onda. E depois uma terceira e, então, uma quarta. Da quarta, poucos restaram. As crianças, que tão rápido se recuperaram a princípio, dissolvendo por dentro; corroídas pelos próprios glóbulos brancos em pane. “Kawasaki”, explicava o especialista impotente; o horror. E depois, ainda, os anos de Grande Descontrole.

Arrependimento pelo otimismo. Quem acreditou no governo moderado e saiu pelos parques da cidade no verão de calor recorde não respira mais. O cego de mãos nodosas não foi um deles. Aprendera com o avô. Os tempos das grandes guerras eram apenas um ensaio para o que viria. Não jogar nada fora. Prevenir-se. Suspeitar. Estocara enlatados, uma arma e galões d’água. Houve, também, um poço, mas seu líquido potável se fez ácido.

Da grande cidade restaram as ruínas. A torre de TV outrora gigantesca, agora anacrônica. O beijo no muro a servir de poleiro para os corvos. O anjo da Coluna da Vitória rodeado pelo mato que cresce livre a partir do grande parque. Dormiram sob o anjo o quanto puderam. A menina triste olhava para suas asas tentando fixar sua imagem dourada na mente.

O de comer é quase só o de ontem. Ou a caça. Mas muitos animais sumiram também. A peste veio da fauna e para a fauna retornou. Vacas, cabras, ovelhas e cavalos corroídos por dentro. A agonia do trote em fúria com as entranhas em chamas. Do parque, agora, brotam raposas, lobos, corvos e javalis. Furiosos.

Um dia a chuva secou.

“O que é isso, pai?”

“Um sinal!”

O cego está sempre enxergando sinais. Guia a filha pelas campos que desertificam-se com improvável certeza: “Hoje será um dia magnífico, magnífico!” As nuvens cinza, o vento que não cala-se. Ela nada diz. Segue-o.

Passam por um acrobata que equilibra-se em uma corda presa entre duas árvores. Um bando de crianças famintas e queimadas pelo sol o observa. A Menina Triste recorda o caminho do sorriso.

“Quem me aplaude, filha?”

“Estão aplaudindo o acrobata, Papai.”

“Charlatão, maldito... Esses moleques são uns selvagens!”

“São crianças, Papai!”

“Amanhã serão cadáveres.”

Da mochila do Pai salta a lata de conserva que dividem, calados. Os gravetos finos e secos rendem algum fogo. “Amanhã será um dia magnífico!” O homem velho dorme. A jovem mulher vigia.

Um bávaro alto passa vendendo carnes secas penduradas num galho de carvalho. A criança saliva. O cego desperta, pára diante do homem e passa a girar em torno do seu próprio eixo, usando a perna esquerda como apoio. Solta o cajado, rodopiando, enquanto estica bem os braços. Gira assim por alguns segundos. Esbaforido, abre as pálpebras e cospe em direção ao vendedor que ri, indiferente.

“Os que aproveitam-se da miséria para engordar morrerão engasgados”.

O bávaro faz uma saudação jocosa. E as carnes estranhamente familiares despedem-se, balançando-se.

“Papai, o que está acontecendo?”

“Nada.”

Acordam com a pele coçando. Manchas brancas carcomem a tez castanha da menina. “Isso não é nada, hoje será um dia magnífico”. Saudades da velha Basset. Primeiro, os corvos em revoada; depois, as raposas enlouquecidas; e, então, o esquilo morto. “Podemos comê-lo?” O pai aponta para as latas na mochila. Salsichas.

“Você pode ouvir?”

“Os corvos, Pai?”

“São canários, menina. Cantam para nós. Um aviso”.

Os olhos dela desmentem o cego, mas é melhor calar e seguir.

“Quem está me chamando, filha?”

“É um pastor.”

“De ovelhas?”

“Não, de homens”.

As palavras do pastor ora são velozes e afiadas, ora sedutoras e delicadas. Prega que a peste não foi real, que tudo não passou de uma invenção de falsos reis. Exorta as pessoas a voltarem ao normal. “Há uma luz vermelha que brilha no norte! Há uma estrela que nos levará ao salvador”. O Pai derruba sal dos olhos. A Menina Triste segura suas mãos de árvore anciã. É um homem-tronco. Ele permite o toque por uma breve eternidade e, então, retira sua mão da dela bruscamente. “Amanhã será um dia magnífico, o pastor tem razão”.

Acumulam-se os dias e as noites como as rugas na face do Pai. O caminhar cada vez mais solitário. Os frutos apodrecendo no cacho. As folhas que nutrem dando lugar às ervas daninhas. Anti-Maná pelos chãos. As latas cada vez mais raras. A certeza do homem sempre retumbante. “Seria mesmo o pai?” Uma mulher cadavérica regurgita uma ninhada de ratos.

Trepada num salgueiro seco, a Menina Triste avista a distante silhueta. O coração do ancião acelera. “O destino se comunica por agouros”. Seguem-no por desvios que tornam o caminho mais longo. Um cantar de sereias distante. Na árvore enorme, o fruto estranho pendurado. De terno barato e largo, o pastor que outrora pregava está enlaçado pelo pescoço, sem vida.

O Velho Cego ignora o enforcado. “Amanhã será um dia magnífico, vamos!”

E, pela primeira vez, a menina diz não.

†

FRED DI GIACOMO criou-se em Penápolis, sertão paulista. *Desamparo*, seu romance de estreia, foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura 2019. Quando dava aulas para jovens de periferia na Ênois, coordenou o *Prato Firmeza: guia gastronômico das quebradas de SP*, finalista do Prêmio Jabuti 2017. Escreveu, entre outros, o infantil *Haicais Animais e Canções para ninar adultos*. Apresentou-se na *Printemps Littéraire Brésilien 2019, França*, e na *Feira do Livro de Frankfurt 2019*. Toca e rabisca versos na Bedibê e mora em Berlim.

A mobília

RAIMUNDO NETO

“O que é, num nome, que o torna mais uma pessoa do que outra?

O nome é a realidade, então.”

O olho mais azul, Toni Morrison.

I - Exumação

OS DIAS AINDA NÃO ESTAVAM TÃO VAZIOS como se esperava do futuro. Dias mortos, pessoas mortas. Em uma Casa Temporária, o tempo abria-se devorador para todas as crianças.

Para elas, tudo se desorganizou desde que deixaram suas casas, sem saber para onde iam; as pernas das horas arrastadas por uma força tão maior que a quietude dos seus modos. Não tinham mais fome, em seus modos a raiva não lacrimejava, até sentirem suas roupas velhas deixadas para trás, e as manhãs que não saberiam mais acordar sem as mães. Seus jeitos infinitos de serem filhos e filhas ferviam a falta assentada na eternidade de suas mães perdidas

Uma delas deixou a primeira casa arrastada; depois, sentiu o corpo esvaziar-se pelo choro envenenado ao deixar a segunda casa, a Temporária, depois de uma decisão urgente, e as horas quebradas no pulso, o futuro anunciado como algum fim. Uma casa mais resistente seria melhor para a criança, disseram. *Que seja agora, o Caos lá fora matando gente e desconsertando passados.* Um caminho curto para a sua infância e logo um jeito novo de morar.

Sua chegada abriu êxtases no apartamento 1720, sob o céu temerário de São Paulo, o ar infestado de sordidez. Seis anos quando chegou ao lugar, a criança. Tudo tão rápido que nem lembra se foi há um ou dez anos. E ainda não entende como se tornou isso que é hoje, empilhada nessa família remanescente que o impregnou de um nome que não o enche mais de vida e vigor. *Elias.*

Ali, a felicidade alva e meticulosa da nova família irritou a paciência do outro filho, o terceiro, mais velho, Julian, morador de todos os melhores sonhos dos pais, Edith e Thomaz. *Ele não vai dormir no meu quarto. Elias dormiu. Ele não vai comer comigo na mesma mesa.* Elias comeu.

Ele não vai usar meus brinquedos. Elias teve outros, tão coloridos e desmontáveis quanto. Elias só não teve paz. Uma semana depois da chegada precoce, os pais já esperavam mais do menino que não se inventava um novo filho.

Elias não sabia o que tentava revelar durante os anos, muitos. Não sabia se procurava pelo seu primeiro nome, a primeira mãe, ou se tentava levantar alguma certeza sobre quanto tempo passou desde aquele primeiro fim, o que os adultos responsáveis ao redor de Elias chamaram recomeço. *É o melhor pra você. Sua última chance. Quem não quer uma família assim, viver num apartamento desses?* Contaram que foi salvo quando o livraram da primeira família, embriagando os filamentos esgarçados de pavor para além da baixaza dos afetos. Não contaram a Elias o que ele quis saber.

Coisas legais acontecerão a você, menino. Coisas. Legais. *Tudo o que for permitido pela Grande Norma.* Elias queria saber o que tinha no fundo daqueles códigos, porque ele não sabia mais o que carregava no interior da carne, a vida que se fundia aos espaços do apartamento, imenso, quieto feito um túmulo. Elias, vazio, me pedia para olhar bem para o fundo dos olhos, quando estávamos sozinhos, escorregando dentro da noite, e ninguém nos via. Elias não sabia mais contar a sua história se não fosse fugindo.

Devo dizer que há uma criança morta – uma que não sobreviveu, ou que viveu nos sonhos da mãe todos esses anos, nessa mulher ocupada em lustrar a imagem da idade de Elias – que guiou Elias até o Álbum da Família. *Aqui você nasceu. Na primeira página, uma Autoridade assinou documentos e fez você partir, deixar para trás a sua primeira mãe, e assim o caminho mais curto até aqui.* O tempo plastificado protegido nas páginas do álbum e a afirmação imperiosa de que o nome da criança seria outro, desde a outra criança fantasma. *O seu nome é o meu nome, Elias. Só assim você será filho.*

O mundo parecia ter começado o seu fim para muita gente. Para Elias, o mundo já tinha acabado. Conto de um dia eterno, que parece não acontecer distante de uma ordem simulada, quando os pais entram e saem do apartamento, cândido, organizado, e tão espaçoso como qualquer loucura. Parecia caber o passado de Elias, se ele soubesse tudo o que foi. Os olhos dos pais, repetitivos, tenebrosos, apesar do amor, e quando as bocas abriam,

fediam a carne incinerada. O irmão, pele translúcida e valiosa, Elias sabia.

Eu sabia, desde a sua chegada, que aquele não era o seu nome. Ninguém achou importante. O mundo estava acabando. E o primeiro nome indo cada vez mais distante da boca de Elias. *É aqui que você vai morar, esse é seu nome, Elias.* Seis anos, uma criança. *E a outra mãe? E aquela criança morta acordando toda noite? Cadê minhas irmãs? Eu tinha uma avó? Minha casa não era suja, minha mãe tinha um cheiro bom. Qual o nome da minha mãe, a primeira? Como é que ela sumiu sem dizer meu nome pela última vez?* E as lembranças desterradas da primeira mãe acordando o sol com uma xícara de café derramando na mão e ela lambendo rindo, limpando os olhos do filho dos pesadelos soterrados, aqueles sonhos muito ruins que o filho tinha: um homem-farda escondido embaixo da cama gritava para a criança: vou acabar com a tua vida, moleque.

Elias, uma criança, só ouvia de Edith e Thomaz, os novos pais: *Você devia ser mais grato. Olhe ao seu redor.*

E ele olhava e via os olhos devoradores do irmão Julian. Também sentia uma mão – a criança morta – rangendo tristeza encostada em seu corpo, a guiar a sensação terrível de continuar tornando-se outra coisa. Elias sentia uma explosão dentro dos ossos, depois febre ressecando o lugar das lágrimas, e as chamas que escorriam quando ele invertia o choro e tentava esvaziar a raiva. Elias queimava quando abria seus gritos e conseguia ver o eco das palavras arrancar de seus lugares minuciosos os móveis e enfeites que ocupavam a tranquilidade remota do apartamento 1720.

A cada recusa do seu primeiro nome na boca dos pais, algum tempo de seus novos dias perdia-se, atordoado. Entre cada um dos móveis, Elias rangia barulhos odiosos. O lugar parecia ofendido com a presença da criança, que havia nascido há seis anos em algum lugar diferente desse que agora todos se recusavam a lembrar. Elias nasceu pronto? Vingou crescido? Que salto foi aquele que o levou para longe e agora parece um desnascimento, uma transformação em algo imóvel que os pais não suportam, nem Julian, o segundo filho.

Não suportam os gritos de Elias, quando tem medo. Elias tenta dizer que vê uma criança morta, com o nome que é o seu, perambular pela

casa, opaca e faminta, tropeçando no chão limpo e arrancando pedaços do corpo velho pelos cantos da casa. Elias tenta dizer que nos sonhos mora um homem-farda armado nos olhos, dentes estrangulando a gravidez que ele, quando criança, habitou no corpo de uma mulher que nunca mais soube o nome, a primeira mãe. Os pais renovados não toleram os gritos dos fantasmas de Elias.

Elias resolveu, de algum modo, ser ouvido. Contou-me tantas vezes o mesmo sonho. *Eles dizem pra eu esquecer aquela mulher, a mãe, a primeira, fingir que ela morreu.* E a criança morta crescendo no encaço de Elias, cada vez mais velha, acompanhando seu desnascimento. *É assim que é morrer para eles?*

E eu sentia que se Elias descobrisse o que era, eu conseguiria nascer pela primeira vez, dizer também sobre não existir e ainda estar aqui, por isso insisti. Ofereci-me para contar a sua história, embora continue morto. Tem outro modo mais seguro de contar sobre algo tão sinistro e perene como o amor?

Arrastei Elias pelo braço dentro das noites, pelo tráfego de sombras e cadência de silêncios, pelo morrer ininterrupto de pessoas na cidade. Minhas mãos, frangalhos gelados, apertavam as pontas dos dedos de Elias. *Teu nome é o meu nome.* Nos dias que se seguiram, Edith e Thomaz irritaram-se cada vez mais com as recusas de Elias e o seu cansaço infernizado. Eu tentava ajudar Elias a desnascer, viver alguma revelação, encorpar o mistério em si mais parecido com um tipo medonho de liberdade. *Teu nome é o meu nome.* E os pais decepcionados que Elias não era nada daquilo que imaginaram. Julgavam-no mau, a loucura sombria dos rejeitados, pensavam.

Elias chorou tantas vezes, queria a outra mãe, o outro nome; gritava fatigado de ouvi-los inventar uma história para sufocar o crescimento dos velhos anos. *Tem algo errado com essa criança. Você deveria esquecer essa história. Olhe ao redor, sua casa nova. Você deveria ser grato, menino.*

Da inconsciência da compaixão ao desprezo destemido, foi uma questão de poucos dias. Eles queriam Elias longe de suas vidas tanto quanto Elias queria fugir, ficar, amar e confundir-se com as ofensas, arranhar com

a infância das suas dúvidas a consistência alva do que Edith, Thomaz e Julian eram como família.

II - O nome que se fez derrota

Hoje, Edith e Thomaz comemoram a chegada de Elias e resolveram confraternizar. Uma comemoração, apesar da desordem acumulando corpos na cidade.

Máscaras e convites. Depois abraços e algumas bebidas nas mãos que seguram bolsas inchadas de proteções. Há um controle rigoroso na cidade, decretos, eles contam, pormenorizando quem entra e quem sai de alguns prédios, residências, comércios. Entretanto, Edith e Thomaz orgulham-se de saber lidar com isso, através de suas estratégias firmes de quem não precisa sempre cumprir qualquer lei, e tudo fica bem no final.

Em Jardins de São Paulo, as visitas chegam aos pares, homem-mulher, tão limpos, despojados; é possível ver o tamanho dos sorrisos, máscaras instaladas nos pescoços, cobrindo o brilho escorregadio das peles brilhantes. Comemoram-se, abraçam suas conquistas, ao som irritante da voz-noticiário que conta a morte nº 907.218 na capital. Ninguém ouve, além de Elias e a criança-morta. Uma das mulheres está sufocando Edith de *Parabéns fico feliz que tenha dado tudo certo e que você esteja realizada*. Ela vira-se repentina, descolando-se da invenção de uma surpresa, e vai em direção ao que parece uma criança crescida. Um cheiro arranhado de verniz no nariz descoberto. A mulher dourada está vibrante. *Que coisa mais linda, Edith*.

Algumas das mulheres aproximam-se de Elias até enquadrarem a imagem precisa para uma fotografia (que será divulgada nas redes sociais contando algo sobre ser feliz, ser família); desejam transformar Elias em notícia, com dedos ágeis, as máscaras atrapalhando a visão, os sorrisos escondidos dentro da respiração protegida. Algumas sentam no colo de Elias. Elas, as almas frias, pesadas. Os maridos deslocam-se ao redor de Elias, agachados, um faz-de-contas que acredita na criança como coisa. A maioria das mulheres descansa as alças de suas bolsas na área mais comprida de Elias. Cabem todas no tamanho da fotografia junto à mobília.

Vejo a cena, minha morte emburrada, as unhas fincadas no teto, pedaços do meu corpo penduricalhos antigos pingando fragmentos de fúrias que ninguém vê, exceto Elias. Rio tanta raiva que me deixo ocupar com o inferno branco e caro que aprendi a amar nesse apartamento. Rio indignado e triste por Elias ter se tornado *aquilo*. Eu, essa morte que me ocupa, estarei junto a Elias numa eternidade que não pedimos para nenhum de nós. Elias não pediu para ser arrancado da primeira mãe que nunca o quis partindo. Eu queria ter vivido, queria ter tido meu nome só meu, mesmo morto, Elias.

Eu o ajudei a aquietar a rigidez da carne nova que começou a tomar forma. Se eu ainda pudesse sentir Elias, eu diria que sua pele é mogno, mais para madeira-ébano. Lustroso. Firme.

Ele não quis fugir. Um torpor culpado o fez assumir a transformação endurecendo seu nome na história daqueles cômodos. Numa das fotografias estampadas numa matéria sobre Pais Salvadores, a família veste-se de uma branquidão enfeitada. Edith e Thomaz estão sentados sobre o conforto recente que se tornou Elias, o outro, o filho vivo que não fui. *Não me deixa sozinho*, Elias pediu antes de se tornar *isso*.

Eu e Elias continuaremos aqui quando o mundo terminar de acabar, nosso futuro. Foi por uma boa causa, disseram-nos.

Que mobília mais linda você se tornou.

†

RAIMUNDO NETO nasceu em Batalha, no Piauí, e mora em São Paulo, onde trabalha como psicólogo e com a garantia de direitos de crianças e adolescentes no Tribunal de Justiça do Estado. Venceu o Prêmio Paraná de Literatura 2018 com o seu livro de contos *Todo esse amor que inventamos para nós* (Editora Moinhos, 2019). Foi escritor convidado na *Prin-temps Littéraire Brésilien*; Sorbonne Université (2019). Atualmente, também se dedica à prática de performances de Pole Dance.

A implausibilidade das árvores

KARIN HUECK

OLHEI DO ALTO O VEÍCULO LARANJA, barulhento demais para uma cidade tão muda. A ambulância tinha parado em frente de casa, mas ninguém saiu. A sirene tocava, suas luzes azuis históricas refletiam na vitrine da padaria. Vinham para o Robert, finalmente. Fazia dias que não o via, devia estar muito mal. Comorbidades, acho. Dez minutos se passaram. Desisti. Voltei para o café que esfriava na mesa.

Num dia normal, Robert me faria companhia. Tinha o hábito de arejar a casa às dez e quarenta da manhã, a mesma hora em que eu me sentava à mesa. Chegava na janela com seu roupão atoalhado pink. Com as mãos trêmulas, abria primeiro a folha de vidro interna, depois a externa, e botava a cabeça para fora bem embaixo do anjo de gesso que enfeitava a fachada de seu prédio, em Berlim. Ficavam os dois lá, perfeitamente alinhados, o senhorzinho e o querubim, encarando o novo dia. Robert gostava do calor porque fechava os olhinhos. Às vezes, eu me juntava a ele e também tentava tomar sol por trás da vidraça. Vitamina D.

Terminei o café e, com esforço descomunal, me levantei para tocar o dia. Fui conferir se a ambulância ainda bloqueava a rua e, sim, lá estava ela, jogando seus raios de luz na janela da padaria, do correio e da pizzaria, todos fechados para o feriado. A sirene tinha sido desligada, porém. A janela de Robert seguia fechada.

Nessa mesma data, há exatos setenta e cinco anos, Robert também estava proibido de sair de casa, daquela vez por ordens da mãe. A família morava há semanas no porão. Passavam o dia na escuridão quase absoluta, iluminados apenas pelos dois únicos feixes de luz que se infiltravam por entre as tábuas desalinhadas do alçapão da cozinha. Sentavam-se todos juntos, a mãe, o pai, Robert e a irmã. Tinham levado para baixo apenas as coisas essenciais. Dois colchões, uns poucos utensílios de cozinha, uma latrina que mantinham no canto mais afastado do porão. Mesmo na primavera o frio era implacável. Tocavam-se sempre que podiam. Uma mão dentro de outra mão, um pé sobre pé, cabeças sobre ombros, cabelos nos colos. Queriam se assegurar de que, sim, ainda existiam, ainda emanavam calor.

Uma vez por semana, o pai subia a escada para buscar comida. Ficava às vezes o dia todo fora, cada hora se esticando até o final dos tempos. Nessas ocasiões, cada membro da família projetava mentalmente, em silêncio, histórias de terror que justificassem a ausência prolongada. Os russos, as bombas, a brigada infantil. Mas o pai sempre voltava com algo que garantisse a próxima semana de tocaia: um saco de batatas, uns pães amanhecidos com manteiga rançosa, houve até um salsichão branco. O mais comum, porém, era que trouxesse apenas uma sacola cheia de dentes-de-leões, urtigas e cogumelos. Nessas ocasiões, Robert sabia que ao pai não restara nada além da coleta na floresta. Então ficavam dias comendo salada e sopa de urtiga. “Durmam, crianças, que sono alimenta como comida”, a mãe dizia. Até hoje, Robert não tolerava champignons, nem os gigantescos portobelos, nem as deliciosas cantarelas que invadem os mercados em setembro. Nunca mais os comeu. De resto, não negava comida.

Robert costumava encerrar o seu banho de sol matinal na hora em que eu conseguia chegar à cozinha. O caos havia se instalado na minha casa, entrara rastejando por debaixo da porta da frente tal qual os dois raios de sol no porão de Robert, e se sentira à vontade. Eu lavava as travessas lentamente, enquanto pensava no almoço, que seria seguido por mais louças sujas. Quando voltava para a sala, via os vidros do vizinho ainda abertos, mas ele já não estava lá.

Em quarenta e cinco, Robert havia resistido à ideia de ficar trancado no porão. “Todos os meus amigos estão lutando. E eu debaixo da terra como um rato!”, gritava aos sussurros. Falava a verdade. Os amigos haviam sido convocados para segurar Berlim, mas ele não. Tinha se sentido emasculado, infantilizado. Disse que iria se voluntariar de qualquer maneira para defender a pátria-mãe. Ainda não sabia, mas enquanto se escondia no porão, seus amigos eram jogados na frente dos tanques russos como quebra-molas de carne humana para atrasar o inimigo por alguns inúteis minutos. Os altos oficiais da morte fugiam na retaguarda, queimando as pontes atrás de si, abandonando os meninos à própria sorte. Das seiscentas crianças escaladas para o front, apenas um punhado voltou.

Dez dias no calendário salvaram Robert desse destino. Ele, que nascera no décimo dia de 1931, fora dispensado de ser convocado para o batalhão de crianças, ao contrário dos amigos, nascidos em 1930. Depois foi a mãe que o impediu de ser moído, aos catorze anos. Disse que o amarraria na cama se continuasse com essa história de guerrear. Não foi preciso, porém. A surra bastou. Robert ficou de castigo em casa como a criança que era, exibindo para a escuridão o bico de menino contrariado.

À medida que os tiroteios foram ficando persistentes e as explosões chacoalhavam a casa, cada vez com mais intensidade, a rebeldia cessou. O menino percebeu que não queria morrer. De início, ficou resignado; então, calado; por último, grato. Era o primeiro a se voluntariar para a limpeza da latrina lotada no meio da noite e o mais dedicado em fazer com que todos passassem os dias em silêncio. Constância era o segredo. Condições para a vida durar apenas mais um dia, e então mais um e mais um. Entendeu, como todos agora, que as grandes tragédias da história podem ser banhadas em terror e tédio.

Deve ter sido mais fácil para ele dessa vez. Já tinha experiência. De alguma forma torta, até o invejava. Quer dizer, sua rotina não deve ter mudado muito. Por quais privações um nonagenário poderia estar passando, se já mal saía de casa antes? Não era justo, eu sei, mas não conseguia parar de comparar nossos sofrimentos. Na Olimpíada de angústias, eu subia no pódio todo dia. Tantos planos ruíram na minha frente. Mas Robert não devia ter planos. Via-o sempre tão satisfeito na janela, com os olhos fechados. Aposto que a senilidade sequer permitia a lembrança de que era sexta-feira, que o inverno tinha passado, que o sol se despedia mais tarde todos os dias.

“As mulheres pagam o preço mais alto durante a pandemia”. Eu lia análises online nos meus delírios de autocomiseração. Meu filho se aproximava com um leão em miniatura nas mãos e uma esperança nos olhos de que, daquela vez, finalmente, a mãe diria “sim, eu posso brincar com você, não, não preciso trabalhar agora”. Ele fazia a carinha mais doce que conhecia e piscava os cílios imensos na expectativa de que a minha comiseração se estendesse a ele também, filho único trancado em casa, sem escola há

meses. Eu via os dedinhos ainda um pouco rechonchudos, com os últimos resquícios de bebê, os dez dedinhos perfeitos que eu mais amava no mundo, agarrando aquele bichinho de plástico com toda a força. E então repetia: “Não posso, filhinho. A mamãe tem que trabalhar”. Ele nem mostrava mais frustração. Afastava-se quieto, apenas para voltar no minuto seguinte com dois livrinhos ilustrados nos braços, os dois olhos redondos lotados de esperança, de novo. Ele sabia que a mãe gostava de ler.

O que ele não imaginava era que nem sempre eu estava trabalhando. As notícias me moíam. Será que a mãe de Robert se cansava dos filhos? De onde tinha inventado que sono alimenta como comida? De que parte desesperada do cérebro brota uma frase dessas? Então eu descia do pódio e me sentava no chão. Pedia que trouxesse o leão em miniatura, o elefante, a foca. Construía com meu filho um mundo imaginário, um zoológico ainda aberto, uma caixa de areia com outras crianças. Era bom esse universo. Ele me passava o roteiro. “Você é um bebê tigre e eu sou a mamãe. Agora dá um pulo”. As palavras me atravessavam sem resistência e me enchiam de culpa.

Robert era sozinho. Não sei se nunca teve alguém ou se já não o tinha. Apostaria que uma mulher havia habitado aquela casa. A cortina de renda, os quadros de violetas, o sofá estampado. E o robe pink, é claro. Era uma visão curiosa, o idoso calvo, tão alto, vestido apenas com aquele roupão. Todos os dias ele vinha à janela da mesma forma e talvez fosse porque gostasse de pink, pode ser, mas eu tinha certeza de que não. Se fosse uma novela das seis, o roupão serviria para lembrá-lo da mulher dos quadros de violeta. Se fosse novela, diria que o veludo ainda carregava um pouco do perfume dela, porque era uma viuvez recente. Lembrei da minha avó, que dizia querer cair de avião com meu avô. Pior era continuar vivendo.

Não sei como ele levava as compras de supermercado até o quarto andar. Para mim, aquilo era difícil. Subia um lance carregando nas costas comida para apenas alguns dias e já precisava parar para respirar, além de negociar com a minha miniatura para que subisse mais alguns degraus sozinho, “só mais alguns, por favor, filhinho”. Sempre me surpreendia com a maneira despudorada com que meu filho caía no choro.

Decidi fazer macarrão. Nas primeiras semanas, a cozinha tinha sido uma forma de cura. Nada estava sob meu controle, apenas o que eu punha no prato, então me pareceu bom. Subi nos ombros das cozinheiras que, antes de mim, descobriram, por tentativa e erro, o ponto certo dos alimentos. As travessas ficaram coloridas, os pratos se avolumaram nas mesas como pequenos monumentos à minha dedicação. Tirei fotos para a posteridade antes que virassem, bem, o que a comida vira. Como que se prepara sopa de urtiga, meu deus? Logo, o afã passou.

Cogitei passar um recado pela janela. “Você quer que eu faça suas compras?” Cheguei a fazer a placa até, desenhei letras bonitas para que Robert as lesse do outro lado da rua. Se fossem largas o suficiente, poderia aceitar a minha oferta generosa, ficar comovido com a empatia da estranha. Lia no jornal sobre os atos de solidariedade que se espalhavam pelo mundo, os concertos de violino na varanda, os recados nas áreas comuns do edifícios, as palmas às oito da noite. *Esses pequenos gestos vão recuperar a sua fé na humanidade.* Não recuperavam, não.

Aos catorze, Robert carregou muitas pedras com o pai. Precisavam do espaço, o porão já não era muito grande e, com os escombros que tinham se espalhado, mal podiam se mexer. O trabalho era aterrorizador. Cada pedaço destruído precisava ser levado para cima, um por um, sob o risco de o teto ruir. O teto não caiu, mas cada destroço erguido criava novos escombros a partir das paredes que cediam. Subiam de madrugada para diminuir o risco de serem vistos e, depois, espalhavam as pedras para não deixar indícios de que ainda estavam por lá.

A bomba havia caído no meio da noite. Robert acordou com o estrondo e a certeza de que era o fim. O chão tremeu, mas o que deu medo mesmo foi o barulho da casa cedendo depois do bombardeio aéreo. Quando saíram pela primeira vez para observar o tamanho do estrago, viram que a bomba não acertara a casa por apenas dois metros. Tinha feito um buraco do tamanho de um piano de cauda no jardim e botado o telhado inteiro no chão, mas o lar estava de pé. Havia derrubado uma única parede da cozinha, bem a que ficava em cima do porão, por isso os escombros. Robert e

o pai ficaram por cinco noites tirando as pedras, num equilíbrio delicado e possivelmente fatal. Mas o teto resistiu. Dez dias, dois metros. Quem disse que não há sorte no terror.

Após o bombardeio, Robert não quis mais dormir. Botou-se como a sentinela do grupo, e queria estar a postos caso outro infortúnio caísse do céu. De fato, houve outro apenas algumas noites depois. Antes mesmo do medo, Robert sentiu satisfação por estar acordado. A segunda bomba acertou em cheio a casa dos vizinhos e a varreu da superfície de maneira tão eficiente que ninguém jamais diria que aquele buraco já fora um dia um lar. Torceram para que as três meninhas do vizinho tivessem escapado. Então Robert passou a dormir em parcelas. Tirava um cochilo no meio da manhã, outro depois daquilo que antes chamava de almoço, e dormia um pouco mais no comezinho da noite. A madrugada era insone. Até hoje, o cochilo da tarde era sagrado. Deitava-se no chão, na grama, e lembro-me de, uma vez, tê-lo visto em cima de uma mesa, apagado por uns bons cinquenta minutos. Eu achava graça.

À noite, quando as janelas do outro lado da rua ficavam iluminadas, era a melhor hora para espiar os vizinhos. Via-os jogados no sofá, comatosos na frente da luz azul da TV, os pijamas manchados de comida. Mas nunca avistei Robert. Não acendia uma lâmpada depois que o sol se punha. Para mim, as noites eram a pior parte. Eu via os vizinhos desligarem suas luzes melancólicas uma por uma, até eu sobrar solitária na janela.

A madrugada chegava junto com a taquicardia, as tremedeiras, a falta de ar. Passei semanas contaminada, até entender que meu diagnóstico era outro. A moça do outro lado da linha de emergência me explicou que, se eu estava há tantos dias com os mesmos sintomas, sem evoluir, a minha doença era de outra ordem. Passou uns telefones para que eu conversasse com alguém. Perdi-os. Pelo menos meu filho nunca me viu convalescendo. Ele acordava bem cedo, poucos minutos depois de eu ter adormecido no sofá, e me encontrava milagrosamente curada. “Mãe, mãe, vamos brincar de zoológico?” Lá estava o leãozinho.

Setenta e cinco anos antes do dia da ambulância, a família de Robert finalmente deixou o porão. Já não ouviam os bombardeios há dias e come-

çavam a escutar conversas na rua. “Bom dia” aqui, “bom dia” ali. Não havia tiros, correria, nada. O pai saía para investigar, mas recebia informações contraditórias. “O homem explodiu os miolos no bunker”, diziam uns. “Nada disso, aguente firme, ele vai lançar a arma secreta para nos salvar”, diziam outros. A indecisão os botou paralisados. Foi num oito de maio, quando já estavam há dois dias sem comer e há cinco sem ouvir rajadas, que resolveram correr o risco. Um a um, saíram do porão, admirando o mundo que ainda havia. Tocaram a grama, olharam o céu imenso. Não sabiam, mas naquele dia os últimos oficiais assinariam a capitulação. A paz, a paz! O feriado, hoje.

Robert olhou a rua como se fosse a primeira vez. De certa forma, era. Aquelas árvores lhe pareceram implausíveis. Ficaram todos esses anos no mesmo lugar, testemunhando a história e, ainda assim, verdejavam. Os vizinhos em pó, os amigos moídos, a fome impossível de saciar. Queria ser um bordo. Ali, teve a certeza de que jamais seria feliz novamente. Mas se enganou.

Outro dia, a chanceler declarou na TV que não haveria mais a normalidade de antes, mas que uma nova normalidade seria criada. “Temos motivos para sermos cautelosamente otimistas.” Os parques foram abertos. As lojas jogaram suas bugigangas do lado de fora da vitrine. Os restaurantes espalharam as mesas sobre a calçada. Foi a minha vez de sair. Seiscentos mil mortos. Os corpos jogados nas ruas de Guayaquil. Os idosos sufocados em casa na Lombardia. As covas abertas por escavadeiras em Manaus. Eram implausíveis mesmo as árvores.

Caminhei pelas ruas admirando o movimento e levei meu filho até um parque próximo. Ensaíamos contato com outra mãe que andava por perto e as crianças começaram a brincar. De tempos em tempos, eu o chamava para desinfetar os dedinhos sujos de terra. Jogava o álcool 70^o nas suas mãos rachadas e já começava a consolar o choro antes mesmo que ele viesse. Repetia de longe “não coloca a mão na boca!”, “não, não abraçe o amiguinho”, “solta, esse brinquedo não é seu!”

O sol era tão quente, muito diferente dos raios que entravam através da vidraça. O riso das crianças como numa propaganda de detergente.

Até os passarinhos cantavam. Comecei a tremer. Meu coração disparou. Abri a boca para respirar, mas o ar não entrou. Recolhi meu filho e o levei para casa sob protestos. Não saímos mais.

Finalmente alguma coisa se movimentou na ambulância. Dois rapazes bem jovenzinhos abriram as portas traseiras e puxaram uma maca. Um deles era o motorista porque ficava indo para a cabine da frente e voltando para trás. Eles tocaram a campainha e entraram no prédio com uma calma que não fazia sentido. É agora. Coitado. Se pelo menos tivesse afastado as cortinas, eu poderia saber o que estava acontecendo.

A paz se parecia estranhamente com a guerra. Depois que saiu do porão, a família seguiu sem comida. Nem pão achavam mais, batatas, sal, nada. Ficavam horas na fila para uma sopa aguada que não nutria, nem consolava. Andavam pela Berlim destruída à procura de conhecidos. Iam até os endereços antigos e só encontravam os esqueletos dos prédios, as paredes verticais cortadas pelos pavimentos horizontais lotados de escombros. Os móveis ainda arranjadinhos nos cômodos, as roupas espalhadas pelas ruas, sapatos sem ninguém para os conduzir. Esperaram as coisas se normalizarem. Um novo normal.

Num dia de verão tardio, algumas semanas depois, o pai de Robert o chamou para uma caminhada. Subiram numa colina bem na beira da cidade. Observaram o horizonte por minutos, antes que o pai começasse a falar. “Escute bem o que vou dizer, filho. Não quisemos contar antes. Sua mãe é judia.” Robert não compreendeu. Literalmente, não extraiu sentido das palavras. A vista turvou e precisou sentar no chão. Como era possível? Como aquela pessoa tão amada poderia ser uma... judia? Como poderia estar viva? Espera. “Isso não faz de mim judeu também?”

Lembrou-se de como o pai desaparecera durante a guerra e voltara com o corpo cheio de cicatrizes. Descobriu que fora torturado para que se separasse da mãe, para que pudessem eliminá-la, juntamente com seus filhos mesticinhos. O homem se recusou. Foi chicoteado, adoeceram-no com água fria no inverno. Ainda assim, resistiu. Não podiam matar a família de um ariano. Dez dias, dois metros, um grande amor. Quando conseguiu encarar

o pai novamente, chorava, um choro envergonhado. “Venha. Vamos fazer as malas. Não há nada aqui para nós.”

Pegaram um trem para o sul e atravessaram os Alpes. O avião que os levou até a América chacoalhava tanto que Robert não deixou de notar a ironia que seria morrer ali. Mas chegaram ao Brasil. Ele completou a maioridade, conheceu uma boa moça, botou crianças no mundo. Foi mesmo feliz. Eu sei porque me lembro. Lembro-me dele dormindo em cima da mesa, lembro-me que separava os cogumelos da salada, lembro-me da fome insaciável do meu avô. Está isolado em casa agora, no Brasil. Já não reconhece a família. Não sabe do vírus. Não sei se sabe que foi feliz.

Finalmente, os paramédicos voltaram. Tiveram dificuldade em manter a porta do prédio aberta enquanto empurravam a maca para fora. Um deles segurava um balão, que precisava ser apertado a cada poucos segundos, sobre o paciente. O outro ficou dedicado às manobras com a maca. Empurrou com cuidado para o meio-fio não importunar. Abriram a porta da ambulância e, aos poucos, colocaram a pessoa para dentro. Ela estava coberta, mas dava para ver que não era alta. Debaixo do reanimador manual, uns tufos bem compridos de cabelo loiro se espalhavam sobre o casaco de moletom. Então, uma senhora saiu do prédio e implorou para subir na ambulância com a filha. Não deixaram. A janela do meu vizinho continuava fechada.

†

KARIN HUECK é jornalista e escritora. Foi editora da revista Superinteressante, onde tocou uma seção de contos de ficção especulativa e realismo mágico entre 2015 e 2018. Colunista sentimental do Uol, é autora dos livros *O Lado Sombrio dos Contos de Fadas*, *Glück* e participou da antologia *Novas contistas da literatura brasileira*. Atualmente vive em Berlim, onde veio estudar política e gênero, como parte da *German Chancellor Fellowship*.



Esta obra foi composta em tipografias que são pontes entre São Paulo — Berlim:
Silva, do paulistano Daniel Sabino e *Autobahn*, de Peter Wiegel,
em julho de 2020.

Silva é uma superfamília tipográfica de serifas robustas, projetada para uso editorial,
criada e desenvolvida em São Paulo.

Autobahn foi baseada nos desenhos originais para letreiramento da *Deutsche
Reichsbahn*, antiga ferrovia nacional alemã. Algumas das placas originais ainda podem
ser encontradas em estações de Berlim.



PANDEMÔNIO EDIÇÕES
(e outros atos ilícitos)